

# Universidade, ciência e literatura na formação das ciências sociais no Brasil\*

Luiz Felipe Baêta Neves \*\*

*... o que venho procurando ser é escritor que, como escritor, se serve de sua formação ou do seu saber - se é que existe - científico - o antropológico, principalmente - em vez de pretender ser principalmente antropólogo ou sociólogo ou historiador, por assim dizer, institucional.*

Gilberto Freyre. *Como e porque sou escritor*

Sérgio Buarque de Hollanda e Gilberto Freyre são, com Caio Prado Jr., o que se poderia chamar de *pères fondateurs* das ciências sociais no Brasil. Não porque o tenham querido, eles próprios, mas porque foram assim escolhidos, ungedos por muitas instâncias de consagração, por Autores poderosos e eminentes... e pela concordância reiterada das vias não tanto postas em relevo, que são aquelas da conversa, da oralidade de seminários e aulas, dos encontros fortuitos ou informais, da ‘opinião’ difusa e poderosa.

O que faz com que algumas das características destes autores – e penso especialmente nos dois primeiros acima citados – venham à luz com dificuldade: a quase-unanimidade quanto à sua ‘paternidade’

tende a estabelecer consenso que leva à aceitação e à reiteração da idéia recebida. Sem que se pense em evitar a reificação e o fetichismo do que passa a ser visto como evidente e óbvio.

Se, por exemplo, imaginarmos que eles são “fundadores” porque tivessem sido aqueles que estabeleceram, cientificamente, as linhas fundamentais do que se chamaria, depois, de “ciências sociais”, estaremos cometendo, creio, equívoco múltiplo. Em primeiro lugar, porque seria impossível escapar de um imaginário anti-histórico que, curiosamente, trata... da história do saber. Ou, dito de outro modo, estaríamos a serviço de uma ‘teoria da história’ que pretende que haja uma continuidade perfeita, um eterno

\* Este texto é uma versão revista e aumentada de Conferência proferida na abertura do XXXV Congresso Internacional de Literatura Iberoamericana, Poitiers, 2004.

\*\* Antropólogo. Professor na UERJ. O último de seus diversos livros é: *Transcendência, Poder e Cotidiano: as cartas de missionário do Padre Antônio Vieira*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2004.

E-mail: lfbaetaneves@uol.com.br.



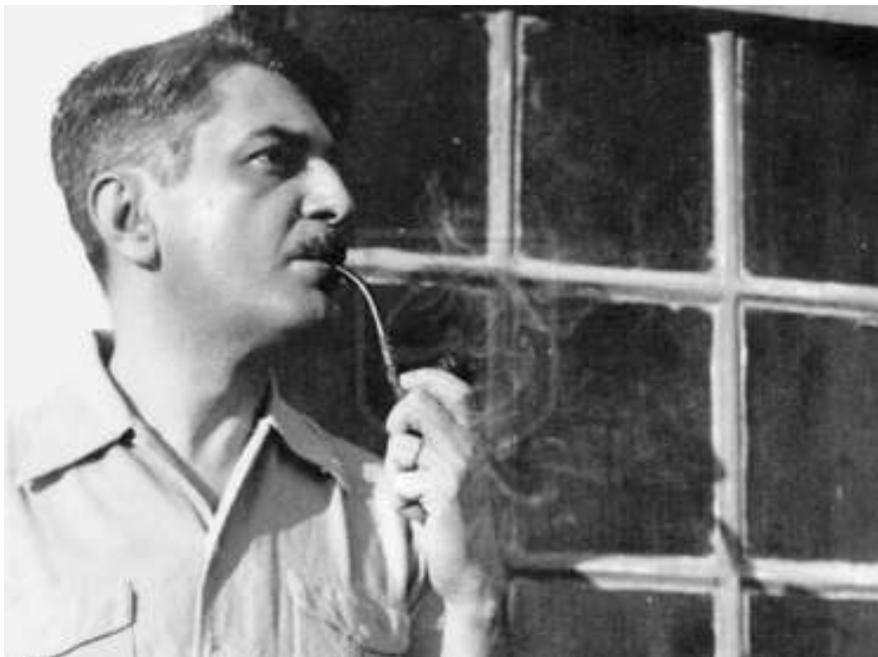


Foto: Benício W. Dias, 1945.

desenrolar de uma origem que não se interrompe e que faz com que devamos atribuir ao momento da gênese o que hoje somos. E o que parecemos ser.

A “ciência social” teria, assim, para esta singular concepção, nascido de um ‘núcleo’ científico que se perpetuaria até hoje. Se alegação houvesse de que não se trata de uma continuidade perfeita porque houve uma “evolução científica” e uma “complexificação institucional do saber”, poderíamos contrargumentar que, esta, é uma versão evolucionista, no que a palavra (evolucionista) possa ter de simplório e redutor. Talvez possamos propor uma outra visão do evolucionismo

que faz, da evolução, uma ‘continuidade complexa’ porque inclui saltos, rupturas, transformações abruptas. Uma continuidade que revoga o eterno círculo vicioso das *fases* que se encadeiam e dos ‘fatos’ que são *necessariamente* explicáveis por ‘causas’ e que anunciam ‘conseqüências’. Causas que são passíveis de ‘eterno recuo’ e conseqüências que, onipresentes, levam a um ‘desfecho necessário’. Mito de origem e profecia do fim que acabam por se encontrar e se fundir.

Em segundo lugar, é imaginário anti-histórico porque pensa que é possível comparar momentos diferentes de maneira tranqüila e rápida. Acredita que coteiando



‘enunciados’ se pode ter a comprovação de sua similaridade. Com isto, se faz o seguinte: são estudados ‘textos’ como ‘coisas’ absolutamente independentes e que podem ser confrontados, sem mediações entre si. Agindo assim, esquecem os seus arautos e fiéis praticantes, que estes ‘textos’ foram ‘enunciados’ em um dado momento da história de tais... textos que têm peso, papel e função diversos face à história. História que tem outras dimensões como as da distribuição, circulação e da interpretação que, os textos de que os enunciados fazem parte, recebem. Esta forma de expulsar a história do texto é facilmente perceptível quando vemos, em dissertações, teses... e livros publicados, capítulos dedicados ao ‘contexto’ e outros que são a análise do ‘texto (de algum

tempo para cá, freqüentemente nominado como “discurso”). Como se o texto não tivesse/exprimissem uma história propriamente sua e tivesse que lancar mão – para ter as mãos historicamente limpas... – daquilo que causa, que envolve, que determina o texto... mas que não é o texto. Para encerrar esta quase-digressão teórica, poderíamos perguntar de onde vieram as informações e os conceitos que usaram, nossos pseudo-historicistas, para elaborar o dito “contexto histórico”? Probabilissimamente, leram (textos) e... escreveram (textos).

Creio que podemos aproveitar este momento para apontar uma diferença primordial entre os autores que observo e os seus supostos herdeiros cientificistas e... transcendentais/transcendentes. A diferença é feita pela importância fundamental que ambos, Gilberto e Sérgio, atribuíram à escrita, à linguagem, aos textos que publicaram. O conhecimento, para eles, se faz *na* materialidade mesma da linguagem: esta não aponta a partir do nada (*ex-nihilo*) para uma realidade exterior e alheia à maneira pela qual pode ser descrita ou... construída.

Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre gostavam de se considerar escritores, o que não criou, para eles, ao longo do tempo, nenhum obstáculo intransponível para que pudessem se chamar – ou, antes, serem chamados – historiadores ou sociólogos ou...



Esta busca da qualidade do texto – ou do *estilo* – é particularmente interessante porque mostra como (o quanto) era importante para eles a leitura que seria feita do que publicaram. Tornavam pública uma opinião (voltamos a esta palavra) que gostariam que fosse capaz de conquistar o leitor. São autores que requerem uma ‘reverberação’ social: são grandes leitores, eles, que querem ser lidos por pessoas, por camadas sociais que esperam poder seduzir. Estamos, assim, diante de uma estética que não rejeita a retórica e que não imagina que a sedução venha tão-somente dos “objetivos” que estuda, dos ‘temas’ que a constituem.

Quanto a este ponto, o ‘prestígio sócio-cultural’ das questões (‘temas’) que abordavam, basta lembrar que Gilberto e Sérgio não foram repetidores particularmente bem-sucedidos de ‘objetos’ ou ‘temas’ já conhecidos. As interpretações que deram – pelo menos em seus livros clássicos – não foram reiterações do já-sabido, mas construções de novos objetos de conhecimento. Construções que perturbaram gravemente a *doxa* dominante, ou, simplesmente, a desconsideraram. Gilberto Frevre percebeu, com argúcia premonitória, os perigos do que chamavam de *pb.deísmo* universitário. Este ‘vírus’ acadêmico levaria à inibição da transgressão, da transdisciplinaridade, da irreverência... em nome do respeito disciplinado e da suicídio à aprovação de bancas, orientadores etc. E, assim, uma força controladora e destinada à repetição (com

variações...) do já sabido e bem ancorado institucionalmente.

Sua (deles) obra – e uso os termos ‘autor’ e ‘obra’ com todo cuidado, tentando escapar dos subietivismos e homogeneizações de que até hoje padecem – é extremamente “arriscada”. Seus escritos centrais são transgressores e inovadores a tal ponto que poderiam desagradar frontalmente versões da história de profundo enraizamento no imaginário social... e defendidas por atores relevantes na cena intelectual brasileira. Basta lembrar as banalizações sofridas pelas noções de “relações entre senhores e escravos” (em *Casa grande e senzala*) e as de “brasileiro, homem cordial” (em *Raízes do Brasil*) para compreender, vagamente, as “apropriações indébitas” porque passaram (e ainda passam, no ‘baixo clero’ universitário ... e em jornalistas adressados) proposições tão complexas quanto incômodas.

Chamo a atenção para o fato, acima mencionado, de que foram, Frevre e de Holanda, grandes leitores, de uma cultura (pessoal) avassaladora – de que são evidências as notas de rodapé, as citações e as fontes documentais impressas que mencionaram. Seus artigos e livros – e conferências, aulas... – não são fruto de nenhuma espécie de inspiração metafísica nem de nenhum ‘sopro’ de musas ou deuses. Não fizeram tábula rasa do que foi feito antes deles e não atrelaram seus trabalhos à manifestação (in)consciente e subietiva de um ego opinático e auto-suficiente.





Bem, mas se não ignoraram o passado e não são fruto de ‘alguma coisa’ natural ou transcendental, de onde vêm sua ‘excentricidade’, sua força e sua presença?

Uma das respostas, penso, está no entrecruzamento, no fértil acasalamento que promoveram entre tal passado ‘cultural’ e a escrita... e seu empenho ‘pessoal’ em não se intimidar intelectualmente. Os resultados deste entrecruzamento são ‘produtos’ / ‘criações que têm sua gênese em itens que, vistos separadamente, ou usados de modo isolado e autárquico, podem resultar – e muitas vezes resultaram – em livros eruditos, em textos ‘esteticamente belos’ e... em indivíduos corajosos.

Sérgio e Gilberto são ‘marcos fundadores’ justamente porque ‘articularam’, ‘duseram em jogo’, fizeram interagir tais itens. E de forma especialmente singular e, para nós, bem-sucedida. Não foram grandes descobridores de “fontes primárias”, não foram beletristas que de maneira narcisista procuravam ‘expressar’ (não ‘construir’ ...) o Belo e não foram intrépidos e solitários cavaleiros do Bem. Nada disso: são alquimistas que misturaram erudição, linguagem e desejo que resultaram em peças inclassificáveis pelos guardiões da Norma e do Rigor.

A dificuldade de classificação dos autores em questão passa pela facilidade, pela *aisance*, com que transitaram, em suas leituras e em seus textos, por domínios que – ainda que isto seja freqüentemente negado

dela *intelligentsia* – se estranham. Eles ignoraram, na prática, as fronteiras entre as diferentes ‘ciências sociais’, e entre estas e a literatura. E, mais, penso que, em suas obras, foram sensíveis a fenômenos que não são “canônicos”, ou seja, habitualmente não são considerados pela história das ciências ou da literatura. Refiro-me não só à vida-de-todos-os-dias, ao cotidiano de pessoas, casas, mas ao de academias ou universidades; ao rumor, às conversas que, fortuitas ou não, iocosas ou não, fazem uma “liga” que não estamos acostumados a ‘levar a sério’ – e que por serem tão fluidas, inesperadas e passageiras não teriam ‘direito de cidadania’ nas ‘ciências bem-pensantes’, se assim posso dizer.

Soma-se, assim, ao que se poderia chamar, hoje, ‘multidisciplinaridade indisciplinada’, ou melhor, de uma índole conceitual nômade, uma aceitação – consciente ou não; aqui não importa – desta ‘fugacidade oral’ que apontamos e das práticas de um cotidiano não reconhecido pela maioria dos atores intelectuais da sociedade brasileira (e não apenas dela).

Os livros que escreveram são impuros, mesticos, derivados de sementes múltiplas que se coniugaram de forma inesperada. Foram, e continuam a ser, drórigos em fertilizar o saber no Brasil, mas a sua descendência teórica direta é difícil de ser detectada. Freyre e de Holanda não foram epígonos, no sentido estrito, de nenhum autor e não se filiaram estreitamente a qualquer escola teórica. Não só não o fizeram, cada um deles, como



não acredito que possamos, nós, fazê-lo. Quanto a seus eventuais descendentes teóricos, é preciso que não confundamos descendência com epigonismo ou com louvores (muitas vezes, tardiamente, prova de arrependimento quanto às críticas míopes que fizeram; penso especialmente na coorte de auto-críticas que fazem, de pouco para cá, antigos detratores de Gilberto Freyre).

A presença dos escritores que observo é decisiva na formação de (quase) todos que passaram e passam pelas instituições universitárias brasileiras. Sendo que apenas Sérgio Buarque de Holanda foi, continuamente professor universitário – no Rio e, especialmente, em São Paulo. Teve, por esta razão, influência suplementar comparativamente aos dois outros.

É de se notar que sua influência escapava da docência *stricto sensu*: era exemplo de uma singular e atraente combinação de erudição, boemia, e atuação política que constituía seu ‘outro’ e poderoso estilo.

Na verdade, estamos diante de uma curiosa situação intelectual. Ou pelo menos, estou (ou estive?) face à questão seguinte: o que fazer diante de livros, de posições, que desafiam as críticas ferozes que – eu e alguns de minha geração – fizemos às idéias de Autor (e de Obra)? O que fazer exatamente da necessidade imperiosa de estabelecer formas mais que rigorosas, estruturas, determinantes, dominantes, causas, efeitos, funções, enfim, uma série de conceitos ou noções que formaríamos, conformaríamos, o império da Razão?

*Sérgio Buarque de Holanda*



Fonte: Acervo SBH/Arquivo Central.



De onde surgem estas questões, signo de perplexidade e desejo de completude? Vêm, tais questões, de alguma coisa pressentida mas vaga e ameaçadora que é preciso, ainda que com recuos e dores, tornar mais clara... e aceitar sua efetiva presença.

Esta presença ameaçadora é a presença de um autor. Que volta ao prosôncio porque não se liga mais a uma eternidade e repudia qualquer idéia de que possa ser a sede de um subietivismo idealizado e “consciente de si”. Este autor-outro, que re-surge, é aquele que constituiu – ou que foi constituído, se se quiser – uma singular autoridade que faz com que tenha um poder, uma força especial. O que pode ser uma falha ou um erro pontual ou uma incongruência do texto, tudo isto, é confrontado com o autor-autoridade. É virtualmente impossível quando se lê – um ou outro deles – não considerar que as letras de seus nomes se confundem com as letras... da linguagem.

Há, então, uma leitura que se vê obrigada a ser uma leitura dupla, complementar – do que é lido e de quem o escreveu com tanto poder – e que gera posições extremadas de amor e ódio diante deste var que se afigura, monstruosa ou maravilhosamente, como unidade. Unidade cujo rigor retórico tem, aqui, seu apelo sedutório multiplicado por duas faces que se alternam e se fundem, se fundem e se alternam... infinitamente.

O termo latino *authoritas* foi empregado de muitas maneiras ao longo do tempo.

Para ficarmos com exemplo notável na cultura brasileira, e na portuguesa, lembro do processo inquisitorial de Vieira em que ele, diante da mesa inquisitorial, invocava não apenas textos sagrados mas simplesmente listava nomes, não raro em grande número, de autores que considerava... autoridades que corroborariam suas posições. Não é nesta noção de autoridade em que penso quanto aos nossos escritores. Também não é a autoridade de um clássico universal como Erasmo ou... Montaigne diante dos quais a leitura tende a se intimidar quando está imersa em um imaginário social que associa tais autores à grande cultura ocidental, o que tem efeitos previsíveis na posição do leitor. E, finalmente, a autoridade de Sérgio e Gilberto não é a que temos culturalmente em torno de nós, conosco, quando lemos clássicos de ciências sociais porque, nestes, supomos que devemos estar face a autores que expuseram teorias em que a escrita (ou o Autor) tem menos importância do que aquilo que conceitualmente o define e o distingue.

Os leitores de (escritos como) *Casa grande e senzala* e *Raízes do Brasil* tendem a ter uma visão apaixonada – que não é sinônimo de visão irracional – demandada pela dupla sedutora de que há pouco falamos. Capacidade de sedução que tem se reproduzido ampliadamente ao longo dos últimos decênios e é certo que tal duração acrescenta uma ‘pátina do tempo’ que favorece a perduração de sua aura.



Guardei até agora um “segredo”, “ocul-tei” uma definição que foram – segredo e ocultamento – sendo desfeitos ao longo do que disse sobre estes autores e livros. Como não há mais segredo – ou mesmo oportu-nidade para mantê-lo – posso dizer que, de modo ensaístico, creio... tratei de alguns aspectos do ensaísmo brasileiro e de seus dois mais ilustres integrantes. É evidente que não há nenhum “movimento ensaísta bra-sileiro”, como também acho muito difícil que se possa falar de “movimento” ou “es-cola” quando observamos o ensaio em qual-quer lugar ou época. Pelo menos, se usarmos os ensaios e os ensaístas que analisamos, será difícil acreditar em fenômeno tão liga-do às noções de *intenção*, objetivos racional-

mente estabelecidos e ação organizada como é o (fenômeno) que habitualmente chamamos de “movimento”, seja literário, artístico ou teórico.

Nossos ensaístas, estes que “hoje” obser-vei, são escritores que não praticaram a li-teratura *tout court*, e são teóricos – cientis-tas que não separaram a escrita do “concei-to” ou da “temática”. Com a literatura e a ciência mas abrindo e trilhando um *tercei-ro caminho* sedutor e extravagante.

São, os ensaios de Gilberto e Sérgio, vi-vas lições de um tipo especial de rebeldia que, rebelde, não expulsa a competência, mas a recebe como companheira do sabo-roso saber que nos legaram.